

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ITAJUBÁ-FEPI

Curso de psicologia

ISABELLY SILVA TEIXEIRA

**O PAPEL DA REABILITAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA NO ENFRENTAMENTO DO  
DECLÍNIO COGNITIVO EM IDOSOS**

**ITAJUBÁ  
2024**

ISABELLY SILVA TEIXEIRA

**O PAPEL DA REABILITAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA NO ENFRENTAMENTO DO  
DECLÍNIO COGNITIVO EM IDOSOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia do Centro Universitário de Itajubá – FEPI como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia

Orientador (a): Prof. Dra. Simone Rodrigues Alves de Melo

**ITAJUBÁ  
2024**

## Ficha catalográfica

TEIXEIRA, Isabelly Silva

O papel da reabilitação neuropsicológica no enfrentamento do declínio cognitivo em idosos.

Isabelly Silva Teixeira, 2024, 45 p.

Orientadora: Simone Rodrigues Alves de Melo

Trabalho de Conclusão de Curso. Psicologia. Centro Universitário de Itajubá – FEPI.

Envelhecimento Populacional. Comprometimento Cognitivo. Reabilitação Neuropsicológica. Saúde Do Idoso. Qualidade De Vida.

I. MELO, Simone Rodrigues Alves de. II. FEPI – Centro Universitário de Itajubá. III. Título. Trabalho de Conclusão de Curso



*Curso de Psicologia*

**ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Em sessão às dez horas do dia nove de dezembro de dois mil e vinte e quatro, a aluna **Isabelly Silva Teixeira**, apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**Papel da Reabilitação Neuropsicológica no enfrentamento no declínio cognitivo no idoso**”, como requisito parcial para conclusão do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Itajubá – FEPI perante a Banca Examinadora. Depois de todas as considerações feitas, a candidata foi considerada:

Aprovada (x)

Aprovada com restrições ( )

Reprovada ( )

Isabelly Silva Teixeira  
Isabelly Silva Teixeira

Simone Rodrigues Alves de Melo  
Profª. Dra. Simone Rodrigues Alves de Melo (orientadora)

Priscila Abreu de Carvalho  
Profª. Ma. Priscila Abreu de Carvalho (avaliadora)

Camila Ambrosio Nogueira de Sá  
Profª. Ma. Camila Ambrosio Nogueira de Sá (avaliadora)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar forças para chegar até aqui, mesmo com os desafios de ter uma bebê pequena. Sua luz e sabedoria me guiaram em cada passo desta jornada. Agradeço à minha filha, que é meu incentivo diário para ser cada vez melhor. Peço desculpas pelos momentos de ausência, mas saiba que tudo isso foi por nós, para construir um futuro com mais possibilidades.

Aos meus pais, ao meu noivo e aos meus sogros, meu profundo agradecimento por serem meu apoio emocional e meu alicerce. Vocês sempre estiveram ao meu lado, oferecendo amor e encorajamento incondicional, nunca deixando de acreditar em mim. Aos meus professores, e em especial à minha orientadora Simone, que nunca me desamparou e esteve presente em todos os momentos, com paciência e dedicação, guiando-me nessa jornada acadêmica.

Obrigada a cada um de vocês. Este trabalho é, em grande parte, resultado do apoio e amor que sempre me ofereceram.

*"Não importa quantos passos você dê, desde  
que eles sejam dados na direção certa."*

Martin Luther King Jr

## RESUMO

O envelhecimento populacional é um fenômeno global que está se intensificando, trazendo à tona desafios significativos relacionados à saúde e qualidade de vida dos idosos. Com a expectativa de vida aumentando, a proporção de pessoas com mais de 60 anos está crescendo rapidamente, o que torna o declínio cognitivo uma preocupação central. A reabilitação neuropsicológica surge como uma abordagem promissora para lidar com o declínio cognitivo, visando não apenas à manutenção, recuperação e estimulação das funções cognitivas, mas também à promoção da autonomia e qualidade de vida dos idosos. Intervenções direcionadas a reabilitação neuropsicológica têm demonstrado eficácia em retardar a progressão do comprometimento cognitivo e melhorar o desempenho funcional. Assim, o objetivo da presente pesquisa é investigar a eficácia das intervenções de reabilitação neuropsicológica em quadros de idosos com declínio cognitivo. Para isso, foi utilizada a metodologia de revisão bibliográfica qualitativa. A literatura aponta que abordagens não farmacológicas são essenciais para a reabilitação cognitiva, permitindo que os pacientes desenvolvam novas habilidades e se adaptem às perdas cognitivas. Além disso, a colaboração interdisciplinar entre profissionais de saúde é vital para criar um ambiente terapêutico eficaz. Os resultados das pesquisas indicam que as intervenções neuropsicológicas não apenas melhoram as funções cognitivas, mas também promovem um impacto positivo na qualidade de vida dos idosos. Em conclusão, a reabilitação neuropsicológica se configura como uma ferramenta essencial para enfrentar os desafios do envelhecimento e do comprometimento cognitivo. Investir em intervenções que promovam a reserva cognitiva e estimulem o envolvimento social pode ser uma alternativa eficaz para preservar a saúde mental dos idosos.

**Palavras-chave:** Envelhecimento Populacional; Comprometimento Cognitivo; Reabilitação Neuropsicológica; Saúde Do Idoso; Qualidade De Vida.

## ABSTRACT

Population aging is a global phenomenon that is intensifying, bringing to light significant challenges related to the health and quality of life of the elderly. With life expectancy increasing, the proportion of people over 60 years of age is growing rapidly, which makes cognitive decline a central concern. Neuropsychological rehabilitation emerges as a promising approach to deal with cognitive decline, aiming not only at the maintenance, recovery and stimulation of cognitive functions, but also at promoting autonomy and quality of life of the elderly. Interventions aimed at neuropsychological rehabilitation have shown efficacy in slowing the progression of cognitive impairment and improving functional performance. Thus, the objective of the present research is to investigate the efficacy of neuropsychological rehabilitation interventions in elderly patients with cognitive decline. For this, a qualitative literature review methodology was used. The literature indicates that non-pharmacological approaches are essential for cognitive rehabilitation, allowing patients to develop new skills and adapt to cognitive losses. In addition, interdisciplinary collaboration between health professionals is vital to create an effective therapeutic environment. Research findings indicate that neuropsychological interventions not only improve cognitive functions but also have a positive impact on the quality of life of older adults. In conclusion, neuropsychological rehabilitation is an essential tool for addressing the challenges of aging and cognitive impairment. Investing in interventions that promote cognitive reserve and stimulate social engagement can be an effective alternative for preserving the mental health of older adults.

**Keywords:** Population Aging; Cognitive Impairment; Neuropsychological Rehabilitation; Elderly Health; Quality of Life.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 REFERENCIAL TEORICO .....</b>	<b>12</b>
2.1 NEUROPSICOLOGIA .....	12
2.1.1 História da neuropsicologia .....	12
2.1.2 Alexander Romanovich Luria e contribuições .....	14
2.1.3 Neuropsicologia na atualidade .....	16
2.1.4 Avaliação Neuropsicológica.....	16
2.1.5 Reabilitação Neuropsicológica .....	17
2.1.6 Reabilitação neuropsicológica norteada pela teoria comportamental .....	20
2.2 ENVELHECIMENTO .....	21
2.2.1 Declínio cognitivo no envelhecimento .....	24
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>27</b>
3.1 TIPO DE PESQUISA E CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	27
3.2 PROCEDIMENTOS.....	27
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>29</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>40</b>
Referências.....	43

## 1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno global que se intensifica à medida que as sociedades avançam em termos de saúde, nutrição e condições de vida. Este processo é caracterizado por uma queda nas taxas de fecundidade e mortalidade, resultando em uma maior proporção de idosos na população. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2009), estima-se que, até 2050, haverá cerca de 1,2 bilhão de pessoas com mais de 60 anos em todo o mundo, tornando essa faixa etária a que mais cresce (Lopes, 2024). Esse aumento significativo na expectativa de vida é um avanço do desenvolvimento humano, possibilitando melhorias nas condições de saúde e bem-estar geral.

Apesar disso, conforme Scheid (2021) o envelhecimento da população traz desafios consideráveis, principalmente no que diz respeito à saúde e à qualidade de vida dos idosos. O declínio cognitivo é uma das principais preocupações associadas ao envelhecimento, uma vez que a idade é o principal fator de risco para o aparecimento de doenças neurodegenerativas, como a demência. Esse fenômeno não apenas afeta a capacidade funcional dos indivíduos, como confere a esses um peso significativo sobre os sistemas de saúde e as famílias, que precisam se adaptar a essas novas realidades.

Para Leite (2021) a reabilitação neuropsicológica, a qual é uma vertente da neuropsicologia, aparece como uma abordagem promissora para lidar com o declínio cognitivo em idosos. Essa prática objetiva não somente a manutenção das funções cognitivas, mas também a promoção da autonomia e da qualidade de vida. A literatura demonstra que intervenções apropriadas podem retardar a progressão do declínio cognitivo e melhorar o desempenho funcional dos idosos.

A pesquisa sobre as intervenções de reabilitação neuropsicológica em idosos com declínio cognitivo é de extrema relevância, de maneira especial diante do aumento significativo da população idosa. Nesse panorama, compreender as intervenções e sua eficácia é essencial para o desenvolvimento de estratégias eficientes que atendam às necessidades dessa população crescente.

Assim sendo, a presente pesquisa teve como objetivo geral investigar a eficácia das intervenções de reabilitação neuropsicológica em quadros de idosos com declínio cognitivo. Para isso, foram abordados aspectos históricos da Neuropsicologia, explorando as características do declínio cognitivo no envelhecimento e avaliando os resultados da eficácia das intervenções. Essa

investigação é fundamental para contribuir com o conhecimento na área e auxiliar na formulação de políticas públicas que promovam um envelhecimento saudável e ativo.

O trabalho foi organizado de forma a fornecer uma compreensão abrangente sobre a neuropsicologia e seus impactos, especialmente no contexto do envelhecimento e do declínio cognitivo. A parte 2 do trabalho, intitulada como "Referencial Teórico", é subdividida em dois segmentos principais: o primeiro segmento aborda a neuropsicologia, começando com uma introdução à sua história e às contribuições de Alexander Romanovich Luria, seguida por uma análise da neuropsicologia na atualidade. Esta seção também inclui discussão sobre a avaliação e reabilitação neuropsicológica, com ênfase na reabilitação orientada pela teoria comportamental.

O segundo segmento foca no envelhecimento, explorando os aspectos que envolvem o declínio cognitivo associado a essa fase da vida. A metodologia do estudo é descrita como uma revisão bibliográfica exploratória de natureza qualitativa, que visa consolidar as informações obtidas em pesquisas anteriores.

Por fim, a seção de resultados que apresenta uma tabela com os artigos selecionados, seguida de uma discussão aprofundada e considerações finais que sintetizam as descobertas e implicações do estudo. Essa estrutura visa facilitar a compreensão dos temas envolvidos e destacar a relevância da neuropsicologia no contexto do envelhecimento e da saúde mental.

## **2 REFERENCIAL TEORICO**

### **2.1 NEUROPSICOLOGIA**

A neuropsicologia surgiu no século XX, a partir da fusão entre a neurologia e a psicologia, com o propósito de investigar as mudanças comportamentais decorrentes de lesões cerebrais. As contribuições de Alexander Romanovich Luria (1902-1977), considerado por alguns autores como o pai da neuropsicologia, foram fundamentais para o desenvolvimento da área. Atualmente, é uma área de estudo que se concentra em compreender as interações entre o Sistema Nervoso Central (SNC), o comportamento e as funções cognitivas, abrangendo a análise das funções mentais superiores, como linguagem, memória e consciência (Pinheiro, 2005).

Constata-se que a neuropsicologia é uma área interdisciplinar que se entrelaça com diversas disciplinas. Sendo assim, pode ser considerada uma ciência híbrida, pois integra conceitos e técnicas de diversas disciplinas básicas, como a neuroanatomia, a neurofisiologia, a neuroquímica e a neurofarmacologia, além de disciplinas de aplicação, como a psicometria, a psicologia clínica e experimental, a psicopatologia e a psicologia cognitiva (Ramos; Hamdan, 2016).

Em virtude do exposto e a fim de entender a evolução dos pensamentos que permitiram o estabelecimento da neuropsicologia enquanto ciência, compreende-se a necessidade da realização de uma perspectiva histórica.

#### **2.1.1 História da neuropsicologia**

Segundo Pinheiro (2005), a relação entre o cérebro e o comportamento humano foi objeto de especulação filosófica desde a antiguidade. Na Grécia Antiga, diversos filósofos já discutiam a importância da relação corpo-alma. O filósofo grego Hipócrates (c. 460-370 a.C.) propôs que o encéfalo era a sede da inteligência e das sensações (tese cefalocêntrica), desafiando a visão cardiocêntrica que atribuía ao coração a sede das emoções e do pensamento.

Salienta-se ainda que Galeno de Pérgamo (129-199 d.C.), um dos mais influentes médicos e filósofos da antiguidade, apresentou uma grande contribuição ao introduzir a ideia de que o encéfalo era formado por duas partes: uma relacionada com as sensações (cerebrum) e outra relacionada ao controle dos músculos (cerebellum) (Pinheiro, 2005).

Posteriormente, em meados do século XVII, René Descartes (1596-1650) propôs uma teoria que postulava que a alma, considerada como “coisa pensante”,

era uma entidade livre, imaterial e indivisível, enquanto o corpo, denominado como “coisa extensa”, era uma entidade mecânica, material e divisível. Apesar de distintos, esse pensamento propunha que a alma e o corpo interagiam através da glândula pineal, comandando as ações (Pinheiro, 2005).

No início do século XIX, a neuroanatomia começou a se consolidar como uma área científica rigorosa. O trabalho de anatomistas como Franz Joseph Gall, com sua teoria da frenologia, embora posteriormente desacreditada, estimulou o interesse pela localização das funções cerebrais. Gall propôs que o cérebro era um conjunto de órgãos separados, em que cada região estava relacionada a um órgão específico do corpo (Pinheiro, 2005). Essa ideia de localização funcional, embora simplista e imprecisa, incentivou investigações posteriores mais rigorosas.

Conforme Pinheiro (2005), segundo essa teoria, cada região do cérebro se desenvolvia de forma modal na superfície do crânio e, quando bem desenvolvida, se refletia em um aumento de volume naquela área. Desse modo, a frenologia postulava que a personalidade e as habilidades de uma pessoa poderiam ser determinadas pela forma e tamanho do crânio.

Opondo-se ao localizacionismo de Gall, destaca-se o fisiologista francês Marie-Jean-Pierre Flourens (1794-1867), que, a partir de experimentos com animais, trouxe a ideia de que as funções mentais funcionavam de modo integrado, como se fosse uma orquestra, não dependendo de áreas específicas do sistema nervoso (Pinheiro, 2005). Além disso, em seus experimentos, observou que, mesmo com lesões em diferentes áreas, os animais podiam recuperar suas funções, indicando que as funções cerebrais não estavam rigidamente localizadas em regiões específicas.

Pouco tempo depois, em meio a controvérsias da época sobre a localização das funções cerebrais, Paul Broca, em 1861, estudou “o caso de um paciente com um comprometimento específico na capacidade de produção de fala, em meio a um quadro de relativa preservação cognitiva” (Mograbi, Mograbi & Landeira-Fernandez, 2014, p. 23). Nesse contexto, identificou uma área específica no hemisfério esquerdo do cérebro associada à produção da fala, hoje conhecida como Área de Broca (Pinheiro, 2005). A partir da descoberta de Broca, houve um marco na neuropsicologia, fornecendo evidências sólidas para a localização cerebral das funções cognitivas.

Paralelamente, em 1874, Carl Wernicke descobriu outra área, no mesmo hemisfério, fundamental para a compreensão da linguagem, chamada de Área de Wernicke. Tal área se encontra no giro temporal superior esquerdo e, quando afetada, está relacionada a problemas na linguagem fluente, em que a pessoa erra ao usar palavras ou sons, atrelada à compreensão da palavra (Mader, 1996).

Essas descobertas de Wernicke, juntamente com as contribuições de Broca, abriram portas para um entendimento mais profundo sobre a localização das funções cognitivas no cérebro, essencial para o desenvolvimento da neuropsicologia. Nesse contexto, é importante destacar o trabalho de Alexander Romanovich Luria, um dos principais pioneiros da neuropsicologia moderna.

### **2.1.2 Alexander Romanovich Luria e contribuições**

Alexander Romanovich Luria (1902-1977) é amplamente reconhecido como um dos fundadores da neuropsicologia moderna (Mograbi, Mograbi & Landeira-Fernandez, 2014). Além de ser um neuropsicólogo soviético especialista em psicologia do desenvolvimento, Luria foi um dos fundadores da psicologia histórico-cultural, uma abordagem que destaca a influência do contexto cultural e histórico no desenvolvimento humano (Mograbi, Mograbi & Landeira-Fernandez, 2014).

Inicialmente, é importante destacar que, para Luria, o conceito de “função” deve ser substituído por “funcionamento sistêmico”, uma vez que não é possível atribuir uma função a uma área específica do córtex cerebral, dado que esta é desempenhada por mecanismos diversos (Hazin et al., 2010). Luria promoveu uma desconstrução da ideia de função ao sugerir que, em suas formas complexas, essa não pode ser atribuída a um único órgão ou tecido (Mograbi, Mograbi; Landeira-Fernandez, 2014, p. 25).

De acordo com o neuropsicólogo, “toda atividade mental humana é um sistema funcional complexo efetuado por meio de uma combinação de estruturas cerebrais funcionando em concerto, cada uma das quais dá a sua contribuição particular para o sistema funcional como um todo” (Luria, 1981, p. 23). Dessa forma, o pensamento de Luria envolveu uma abordagem holística que considerava não apenas a localização das lesões, mas também a complexa rede de interações entre diferentes regiões cerebrais, as quais estão sujeitas a mudanças ao longo do tempo e em resposta a estímulos ambientais.

Além disso, Luria postulava que o funcionamento cerebral poderia ser dividido em três unidades principais que operam simultaneamente: a Regulação da Vigília e Tônus Cortical, responsável por influenciar o estado de alerta e o equilíbrio geral da atividade cerebral, sendo afetada por impulsos reflexos; o Processamento de Informações Sensoriais, encarregado de receber, processar e armazenar informações provenientes do mundo externo e interno, localizado em áreas específicas do córtex cerebral; e a Regulação Comportamental e Cognitiva, que desempenha o papel de regular e supervisionar as estratégias comportamentais e as atividades mentais, localizando-se nas regiões anteriores do córtex cerebral (Hazin et al., 2010).

Outra contribuição significativa de Luria foi a Bateria de Exame Neuropsicológico, que incluía uma variedade de testes e avaliações para examinar diferentes aspectos das funções cognitivas e comportamentais dos pacientes. Essa bateria tornou-se uma ferramenta valiosa para a avaliação e diagnóstico de disfunções cerebrais em uma ampla gama de condições neurológicas. No entanto, Luria ressaltava que, apesar das conveniências dos testes, estes não substituem a observação qualitativa.

Por fim, destaca-se a contribuição de Luria em relação à reabilitação cognitiva. Segundo Hazin et al. (2010), sua experiência no tratamento de soldados com lesões cerebrais durante a Segunda Guerra Mundial teve um impacto significativo no desenvolvimento de métodos de reabilitação inovadores. Isso incluiu a reflexão sobre a capacidade do cérebro para se reorganizar espontaneamente, além da implementação de estratégias de reabilitação baseadas na compensação e na utilização de dispositivos auxiliares para substituir habilidades comprometidas.

A abordagem avançada de reabilitação neuropsicológica proposta pela neuropsicologia de Luria introduziu o conceito fundamental de neuroplasticidade, que se refere à capacidade do cérebro de se adaptar e reorganizar estruturalmente em resposta a estímulos ambientais. Essa ideia influenciou os estudos contemporâneos em neurociência, especialmente no campo da reabilitação cognitiva, onde se explora a possibilidade de promover mudanças positivas no cérebro por meio da exposição a diferentes estímulos (Hazin et al., 2010).

### **2.1.3 Neuropsicologia na atualidade**

Embora as contribuições de Luria tenham sido de grande relevância e impacto, nem todos os autores que o seguiram incorporaram seus insights por completo (Mograbi, Mograbi; Landeira-Fernandez, 2014). No século XXI, a neuropsicologia, enquanto campo interdisciplinar que integra a neurologia e a psicologia, tem experimentado avanços significativos, impulsionados pelo desenvolvimento tecnológico, pelo aprofundamento das pesquisas científicas e pelo crescente interesse de profissionais que buscam atuar na área (Hazin et al., 2018).

O avanço da neuropsicologia tem sido fundamental para o surgimento de novas tecnologias. Segundo Hazin et al. (2018), o progresso das técnicas de neuroimagem tem possibilitado o estudo do cérebro in vivo, permitindo que neuropsicólogos e pesquisadores mapeiem com maior precisão as funções cerebrais e suas correlações com processos cognitivos.

Além disso, esses avanços superaram algumas limitações relacionadas ao estudo de lesões, permitindo uma investigação mais abrangente de aspectos que foram excluídos anteriormente devido a dificuldades metodológicas, como o estudo da emoção em humanos (Mograbi, Mograbi; Landeira-Fernandez, 2014).

Ressalta-se ainda a atuação do psicólogo no âmbito da neuropsicologia. De acordo com a Resolução 002/2004 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), o neuropsicólogo é o profissional que “atua no diagnóstico, no acompanhamento, no tratamento e na pesquisa da cognição, das emoções, da personalidade e do comportamento” e “utiliza instrumentos especificamente padronizados para avaliação das funções neuropsicológicas, envolvendo principalmente habilidades de atenção, percepção, linguagem, raciocínio, abstração, memória e aprendizagem” (Conselho Federal de Psicologia, 2004).

Desse modo, a Avaliação Neuropsicológica e a Reabilitação Neuropsicológica são duas das amplas possibilidades de atuação do neuropsicólogo, as quais serão expostas nas seções a seguir.

### **2.1.4 Avaliação Neuropsicológica**

De acordo com Hamdan et al. (2011), a avaliação neuropsicológica constitui-se de uma abordagem complexa e abrangente, sendo conduzida por meio da aplicação de uma bateria de testes psicométricos meticulosamente selecionados.

Estes testes têm como objetivo primordial identificar o desempenho cognitivo funcional do indivíduo, estabelecendo correlações com o funcionamento cerebral subjacente.

A prática da avaliação neuropsicológica proporciona uma investigação minuciosa, a partir de instrumentos padronizados, dos diferentes domínios cognitivos, tais como memória, atenção, linguagem, funções executivas, raciocínio, motricidade e percepção, além de examinar possíveis alterações afetivas e de personalidade (Hamdan et al., 2011). Esses testes são selecionados de acordo com as características clínicas e as demandas específicas de cada caso, garantindo uma avaliação abrangente e precisa do paciente.

Além disso, segundo Monteiro et al. (2013), a avaliação neuropsicológica desempenha um papel essencial no desenvolvimento de programas de reabilitação, fornecendo informações valiosas sobre o perfil das funções cognitivas comprometidas e preservadas, bem como sobre as habilidades do paciente em atividades da vida diária.

Portanto, a partir de uma avaliação abrangente, onde ocorre a identificação precoce e precisa das alterações cognitivas, é possível elaborar intervenções terapêuticas individualizadas e adequadas, visando otimizar as habilidades preservadas do paciente e promover a adaptação a possíveis prejuízos cognitivos.

### **2.1.5 Reabilitação Neuropsicológica**

A reabilitação neuropsicológica teve como um de seus pioneiros Alexander Luria, que, durante a Segunda Guerra Mundial, auxiliava na recuperação de soldados com lesões cerebrais (Hamdan, Pereira & Riechi, 2011).

Essa prática pode ser definida como um conjunto de intervenções voltadas para restaurar ou compensar funções cognitivas comprometidas por déficits neurológicos, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida do indivíduo (Wilson, 2003). Fundamenta-se em princípios neuropsicológicos e neurocientíficos, reconhecendo a notável capacidade do cérebro de reorganização funcional, conhecida como neuroplasticidade, que é a base para a recuperação de funções perdidas ou comprometidas (Monteiro et al., 2013).

Embora a origem exata do termo "reabilitação neuropsicológica" (RN) no contexto do tratamento de lesões cerebrais não seja clara, é fundamental entender que a reabilitação cognitiva (RC) possui um escopo mais limitado em comparação

com a RN. A RN é caracterizada por sua abrangência, envolvendo fatores cognitivos, emocionais, ambientais, comportamentais e sociais (Andrade, 2014). De acordo com Monteiro et al. (2013), a RN surgiu como uma proposta mais abrangente do que a RC, pois visa não apenas melhorar o funcionamento cognitivo, mas também ensinar aos pacientes e seus familiares como lidar com as alterações emocionais e comportamentais, buscando alcançar uma melhor qualidade de vida.

Visando maximizar o uso das funções que estão totais ou parcialmente preservadas, a reabilitação neuropsicológica é realizada por meio do ensino de estratégias compensatórias, da aquisição de novas habilidades e da adaptação às perdas permanentes (Pontes & Hübner, 2008).

Salienta-se que, segundo Pontes & Hübner (2008), nem sempre é possível restaurar a função cognitiva comprometida, mas é possível compensá-la. Por esse motivo, “as ações de reabilitação devem ser centradas nos ganhos funcionais do cliente” (Andrade, 2014, p. 348). Isso implica que a reabilitação deve envolver estratégias práticas que atendam às necessidades do cliente e minimizem os problemas do cotidiano.

Por fim, é importante destacar a relevância de uma avaliação neuropsicológica abrangente, a fim de estabelecer um norte para a inserção do paciente no programa de reabilitação, atendendo às suas reais necessidades (Monteiro et al., 2013).

Nesse contexto, a reabilitação neuropsicológica se mostra como um processo abrangente e interativo, no qual o paciente é um participante ativo. A abordagem trata não apenas os déficits cognitivos, mas também os emocionais, comportamentais, de personalidade e de motricidade. De acordo com Malloy-Diniz et al. (2016), a reabilitação cognitiva, como componente desta abordagem mais ampla, é complementada por psicoterapia, criação de um ambiente terapêutico, psicoeducação e trabalho conjunto com familiares e o próprio paciente. Seu foco é preparar pacientes e familiares para enfrentar, lidar ou superar deficiências cognitivas causadas por lesões neurológicas, como problemas de linguagem, percepção, atenção, memória, funções executivas e habilidades motoras.

Para alcançar esses objetivos, a reabilitação neuropsicológica adota duas abordagens principais: a remediativa e a adaptativa. Na abordagem remediativa, segundo Andrade (2014), o terapeuta identifica os domínios cognitivos deficitários,

como atenção ou memória, e propõe exercícios sequenciados para melhorar essas áreas.

As atividades típicas incluem tarefas com papel e lápis, exercícios em computador e jogos, todos projetados para abordar as capacidades cognitivas comprometidas. O principal desafio dessa abordagem é garantir que as atitudes e estratégias aprendidas sejam transferidas para a vida prática do cliente.

À medida que o cliente progride, o nível de dificuldade e complexidade dos exercícios aumenta, sempre promovendo experiências de sucesso. Essa abordagem sugere que o treino cognitivo melhora os mecanismos biológicos de recuperação cerebral e facilita a reorganização dos circuitos cerebrais, independentemente do tempo transcorrido após a lesão.

Por outro lado, a abordagem adaptativa, também conhecida como abordagem compensatória, foca nos impedimentos ou dificuldades do cliente, aproveitando as capacidades intactas para desenvolver métodos compensatórios para as funções deficitárias. O cliente, com a ajuda do terapeuta, deve reorganizar seus hábitos e rotinas, aprender estratégias internas e modificar o contexto das atividades que realiza. A organização de rotina e hábitos é essencial na reabilitação neuropsicológica e constitui uma das principais ferramentas de tratamento (Andrade, 2014).

Para alcançar esses objetivos, utiliza-se uma variedade de técnicas compensatórias e estratégias cognitivas, como estimulação, exercícios cognitivos e treinamentos específicos. Essas intervenções visam minimizar os desafios diários enfrentados pelo paciente, maximizar as funções cognitivas, prevenir futuros declínios, restaurar funções comprometidas e reorganizar as redes neurais para compensar as funções afetadas (Malloy-Diniz et al., 2016).

Pesquisas recentes destacam a importância da terapia neuropsicológica no tratamento de condições que causam danos cognitivos e comportamentais, como acidentes vasculares cerebrais, traumatismos cranioencefálicos, doenças neurodegenerativas, doenças psiquiátricas e déficits cognitivos relacionados ao envelhecimento.

Para desenvolver uma estratégia eficaz de reabilitação neuropsicológica, é essencial reunir profissionais de várias disciplinas, incluindo psicólogos, médicos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais. Cada um desses profissionais traz sua expertise para reabilitar funções específicas, assegurando, por

meio de uma intervenção interdisciplinar, a melhor recuperação possível para o paciente. Essa abordagem multidisciplinar facilita a integração entre diferentes áreas de conhecimento, promovendo um diálogo contínuo e colaborativo ao longo do processo de reabilitação (Andrade, 2014).

### **2.1.6 Reabilitação neuropsicológica norteada pela teoria comportamental**

Dentre as estratégias de reabilitação neuropsicológica, destacam-se as técnicas comportamentais. A psicologia comportamental dedica-se ao estudo das interações entre o indivíduo e o ambiente que o envolve. Nesse contexto, é lógico considerar uma integração potencialmente benéfica entre a neuropsicologia e a terapia comportamental (Pontes; Hübner, 2008). Tal combinação enriquece a compreensão das influências ambientais sobre os processos neuropsicológicos, permitindo intervenções mais eficazes que abordem tanto os aspectos cognitivos quanto comportamentais dos pacientes.

Para a elaboração de um programa de reabilitação, tanto a avaliação neuropsicológica quanto a avaliação comportamental são essenciais e se complementam mutuamente.

Segundo Pontes & Hübner (2008), a avaliação neuropsicológica fornece insights detalhados sobre as funções cognitivas e as áreas cerebrais afetadas, enquanto a avaliação comportamental analisa como essas deficiências impactam o comportamento e a interação do indivíduo com seu ambiente, respondendo perguntas como: de que modo o cliente e sua família se sentem afetados pelos déficits cognitivos e quais estratégias de enfrentamento podem ser utilizadas.

Desse modo, a avaliação neuropsicológica e a avaliação comportamental, quando juntas, permitem a criação de um plano de reabilitação abrangente e eficaz, que considera todas as dimensões das necessidades do paciente, posto que uma boa pontuação em um teste não implica em melhoras e ganhos no cotidiano do cliente. Assim como o sujeito pode obter melhoras funcionais sem que haja melhoras nos testes padronizados (Wilson et al., 2003).

Nesse âmbito, as técnicas comportamentais visam efetivar a transformação de padrões comportamentais disfuncionais apresentados pelo paciente. Esse processo ocorre por meio da promoção de aprendizado de novas respostas e habilidades, no retreinamento de tarefas já conhecidas, assim como pela

reconfiguração do ambiente que cerca o indivíduo, buscando otimizar sua capacidade de desempenho.

Essas abordagens não se limitam apenas à compreensão do comportamento, mas também buscam intervir ativamente na sua modificação, proporcionando uma melhora significativa na qualidade de vida e na adaptação do paciente ao seu contexto.

## 2.2 ENVELHECIMENTO

Inicialmente, impõe-se a necessidade de compreender que: “Não é possível estabelecer conceitos universalmente aceitáveis e uma terminologia globalmente utilizável com relação ao envelhecimento.” (Veras, 1994, p. 25).

A definição de "idoso" não é unívoca e pode variar significativamente de acordo com a organização ou especialista que a aborda. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece que uma pessoa é considerada idosa a partir dos 60 anos em países em desenvolvimento e a partir dos 65 anos em países desenvolvidos.

Esta distinção leva em consideração diferenças nos contextos socioeconômicos, nas condições de saúde pública e na expectativa de vida que variam amplamente entre essas regiões (OMS, 2002). Além da perspectiva cronológica, também é enfatizado que o envelhecimento é um processo progressivo que envolve mudanças biológicas, psicológicas e sociais. Nesse contexto, ser idoso não se resume apenas em atingir uma determinada idade, mas também em experimentar transformações que afetam a funcionalidade e a participação social do indivíduo.

Em seus estudos sobre o desenvolvimento humano, Papalia (2013), apresenta uma abordagem mais abrangente e integrada, argumentando que o envelhecimento é um processo contínuo e dinâmico que ocorre ao longo de toda a vida.

Segundo Papalia (2013), a classificação de idoso deve levar em consideração não apenas a idade cronológica, mas também aspectos biológicos, psicológicos e sociais que influenciam o estado de saúde e a qualidade de vida do indivíduo. A exemplo disso, uma pessoa de 65 anos que mantém boa saúde física, mental e social pode não se encaixar na categoria de idoso da mesma forma que outra pessoa da mesma idade que enfrenta várias limitações funcionais.

Desse modo, destaca-se a importância de considerar a heterogeneidade do envelhecimento. A experiência de envelhecer pode ser muito diferente para cada pessoa, e a definição de idoso deve refletir essa diversidade, pensando então em uma abordagem mais personalizada, que considera a individualidade de cada indivíduo (Papalia, 2013).

De todo modo, independentemente de como cada um define, cresce-se a percepção de que uma boa velhice não é apenas uma questão de responsabilidade individual. Ela é fortemente influenciada pela interação contínua entre a pessoa e o seu ambiente, ambos sempre em evolução (Neri, 1999).

Como parte dessa interação, a psicologia geriátrica tem se destacado como uma subdisciplina essencial. A psicologia do envelhecimento ou psicologia geriátrica investiga os padrões de mudança no comportamento que ocorrem com o passar dos anos, identificando quais dessas mudanças são características específicas da velhice e quais podem ser observadas em diferentes fases da vida (Neri, 2013). Dessa forma, essa área envolve aspectos comportamentais, cognitivos, emocionais e sociais do envelhecer, focando na promoção de uma velhice saudável e no manejo das dificuldades comuns nessa fase da vida.

Ressalta-se que a relevância deste campo cresce à medida que a população mundial envelhece, exigindo maior atenção às necessidades específicas dos idosos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população com 65 anos ou mais cresceu significativamente nas últimas décadas e projeta-se que essa tendência continue influenciando diversas áreas, incluindo a saúde mental (IBGE, 2022).

Em outro âmbito, Neri (1999), ao falar sobre bem-estar na velhice, aponta alguns aspectos indicadores e determinantes do mesmo, como: longevidade; saúde biológica; saúde mental; satisfação; controle cognitivo; competência social; produtividade; atividade; eficácia cognitiva; status social; renda; continuidade de papéis familiares e ocupacionais, e continuidade de relações informais em grupos primários (principalmente rede de amigos).

Nesse contexto, cita-se os pesquisadores da Escola de Chicago, como Cavan e Burgess, os quais apontavam para a ideia de que envelhecer bem implica em estar contente com a vida presente e ter uma visão otimista sobre o futuro. A satisfação durante o processo de envelhecimento está relacionada à habilidade de manter ou recuperar o bem-estar subjetivo, especialmente em uma fase da vida em

que se enfrentam mais riscos e crises de ordem biológica, psicológica e social (Neri, 1999).

De acordo com Neri (1999), um estudo realizado por Rudinger e Thomae (1990) ofereceu importantes dados sobre o ajustamento e a satisfação na velhice. Essa pesquisa, além de apontar que a saúde física exerce um papel fundamental na sensação de bem-estar durante o envelhecimento, mostrou que o modo como as pessoas percebem sua saúde e lidam com problemas é ainda mais fundamental que os indicadores médicos objetivos.

Além disso, a satisfação com a família e fatores como o status social e personalidade desempenham papéis importantes no bem-estar dos idosos. A capacidade de manter contatos sociais também influencia muito como os idosos percebem sua qualidade de vida diária.

Outro aspecto que vale destaque é o senso de ineficácia produzido na velhice, o qual pode se ocorrer devido a maioria das pessoas só enxergarem as perdas e o declínio da idade (Neri, 1999). Ainda que não seja uma inverdade o fato de os idosos enfrentarem mais desafios, muitos possuem reservas fisiológicas adequadas para manter um funcionamento psicossocial satisfatório. No entanto, o grande obstáculo é a sensação de ineficácia, a qual pode levar a um declínio cognitivo e a perdas no comportamento funcional (Bandura, 1986 apud Neri, 1999).

Mesmo que não haja a presença de condições neuropatológicas significativas, o processo de envelhecimento está frequentemente ligado ao declínio cognitivo. Assim sendo, fatores de estilo de vida podem influenciar na saúde cognitiva, sugerindo que há uma oportunidade de intervenção para estabilizar ou até mesmo compensar a trajetória descendente do funcionamento cognitivo, utilizando a reserva cognitiva como uma estratégia potencial (Stern, 2012, apud Brandebusque et al., 2020).

A Reserva Cognitiva atua como um fator protetivo contra o declínio cognitivo normal e patológico ao longo do processo de envelhecimento (Tomás, 2020), sendo explicada e influenciada por diferenças inatas, como a genética, bem como pelo estilo de vida do sujeito, por exemplo, a educação, a ocupação, atividades físicas e de lazer e o envolvimento social (Stern et al., 2018, apud Tomás, 2020). Desse modo, investir em estilos de vida que promovam a construção dessa reserva pode ser uma alternativa para preservar a saúde cognitiva e a qualidade de vida na velhice.

Papalia (2013) define dois tipos de envelhecimento: primário e secundário. O envelhecimento primário estaria relacionado a um processo de deterioração física gradual e inevitável que se inicia precocemente na vida e prossegue ao longo dos anos, independentemente dos esforços para evitá-lo. Nesse contexto, o envelhecimento é visto como uma consequência inevitável do avanço da idade. Já o envelhecimento secundário decorre de doenças, abusos e hábitos prejudiciais, fatores que, em grande medida, podem ser controlados.

Nesse mesmo âmbito, Neri (1999) aponta que há diferenças entre a velhice normal e a patológica. Enquanto a primeira implica em uma “ausência de patologias biológicas ou psicológicas” (Neri, 1999, p. 34), a segunda é marcada pela degeneração relacionada a enfermidades crônicas, doenças típicas da terceira idade, além da desorganização biológica que pode afetar os idosos.

Portanto ressalta-se que, sob condições ideais, que incluem a influência positiva da genética, do ambiente e dos comportamentos ao longo da vida, os indivíduos podem envelhecer de maneira satisfatória.

Ainda que experimentem as mudanças normativas da senescência, estas ocorrem com pequenas perdas funcionais e cognitivas, poucas doenças crônicas controladas e a manutenção da atividade e participação social (Neri, 2013).

### **2.2.1 Declínio cognitivo no envelhecimento**

O envelhecimento é um fenômeno complexo e contínuo, caracterizado por uma série de mudanças naturais que ocorrem ao longo do tempo e que têm início na idade adulta. À medida que o sujeito envelhece, torna-se evidente uma gradual diminuição em diversas funções corporais e várias funções mentais, embora esse processo varie significativamente entre os indivíduos. Dessa forma, as alterações no sistema nervoso, que ocorrem durante o envelhecimento, resultam em mudanças na maneira como os indivíduos percebem e experimentam o mundo ao seu redor, impactando assim suas interações com o ambiente (Ribeiro & Cosenza, 2013).

Nesse sentido, ainda que não haja a presença de patologias, o declínio cognitivo é bastante comum no processo de envelhecimento. Tal fenômeno ocorre devido a diversos fatores, incluindo mudanças fisiológicas (Caldas, 2020). As mudanças cognitivas mais comumente observadas incluem a diminuição da memória, a redução da velocidade de processamento de informações e o

comprometimento das funções executivas, como planejamento e resolução de problemas (Papalia, 2013).

A perda de memória é uma das possíveis manifestações do envelhecimento cognitivo. Estudos indicam que o hipocampo, uma estrutura cerebral fundamental para a formação e a recuperação de novas memórias, tende a sofrer mudanças com a idade. Essas mudanças podem levar a dificuldades na retenção de novas informações e na recuperação de memórias antigas (Papalia, 2013).

Além disso, com o envelhecimento, também há alterações nas habilidades de processamento (Papalia, 2013). Esse fenômeno pode ser atribuído a uma redução global na atividade do sistema nervoso central, a qual influencia significativamente a diminuição da eficiência no processamento de informações e provoca mudanças nas capacidades cognitivas.

Ressalta-se que a lentidão no processamento pode impactar várias atividades diárias, desde a capacidade de reagir rapidamente a estímulos até a realização de tarefas complexas que exigem atenção dividida.

Para mais, as funções executivas, que incluem habilidades como o planejamento, a organização, o controle inibitório e a flexibilidade cognitiva, também podem ser afetadas pelo envelhecimento.

O lobo frontal, região do cérebro responsável por essas funções, é particularmente vulnerável ao envelhecimento. A deterioração das funções executivas pode levar a dificuldades na realização de atividades diárias e na adaptação a mudanças, comprometendo a autonomia e a independência dos idosos.

No entanto, vale salientar que os avanços na neurociência demonstraram que a degeneração cerebral é muito menor do que se pensava anteriormente (Konflanz et al, 2016). O cérebro é o órgão que menos envelhece no corpo humano, possuindo o menor grau de envelhecimento devido ao seu notável processo de regeneração. Essa capacidade é manifestada principalmente através de dois processos: a neurogênese e a neuroplasticidade.

A neurogênese refere-se à habilidade do cérebro de gerar novos neurônios, especialmente quando é estimulado. Já a neuroplasticidade está relacionada à capacidade do cérebro de formar novas conexões neuronais. A neuroplasticidade, em especial, desempenha um papel fundamental ao melhorar a capacidade de raciocínio, demonstrando que o cérebro pode adaptar-se e manter a funcionalidade mesmo na velhice (Konflanz et al, 2016).

Outra questão importante é a gestão adequada de condições crônicas, como hipertensão e diabetes, também é imperiosa, ao passo que essas condições podem acelerar o declínio cognitivo. Pesquisas indicam que a participação em atividades sociais pode manter a mente ativa, reduzindo o risco de depressão e isolamento, que são fatores de risco para o declínio cognitivo (Paolillo et al., 2023).

Frente ao exposto, percebe-se que, no envelhecimento, manter o cérebro constantemente ativo e engajado em novos aprendizados ajuda a compensar as pequenas perdas que possam ocorrer. Isso pois, manter um estilo de vida saudável pode ajudar a retardar o declínio cognitivo associado ao envelhecimento. Atividades físicas regulares, uma dieta equilibrada e a participação em atividades sociais e intelectuais são componentes fundamentais dessa abordagem.

A título de exemplificação, Serra et al. (2020) demonstraram que a leitura, a resolução de quebra-cabeças, o aprendizado de novas habilidades ou idiomas, e a participação em atividades sociais estimulam o cérebro e promovem a neuroplasticidade. A neurociência moderna continua a descobrir novas maneiras de apoiar a saúde cognitiva, oferecendo esperança para uma velhice plena e cognitivamente rica (Paolillo et al., 2023).

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 TIPO DE PESQUISA E CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA**

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica exploratória, de essência qualitativa. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (Gil, 2007). O objetivo desta revisão é analisar os materiais bibliográficos disponíveis, integrando informações e analisando conteúdos referentes à temática da neuropsicologia e reabilitação neuropsicológica, contribuindo para o desenvolvimento teórico da área.

A pesquisa exploratória é um dos tipos de pesquisa científica que visa aprofundar a compreensão do problema, com o intuito de torná-lo mais claro ou formular hipóteses. Seu principal objetivo é aprimorar conceitos ou revelar insights, buscando compreender o assunto de maneira ampla e gerando conhecimentos preliminares que possam subsidiar investigações futuras (Marconi; Lakatos, 2017).

A pesquisa qualitativa é adequada para compreender fenômenos complexos a partir da interpretação dos dados, buscando entender as nuances das experiências humanas e os significados que os indivíduos atribuem a elas (Minayo, 2017).

Dessa forma, o presente trabalho adota uma abordagem qualitativa centrada na revisão bibliográfica exploratória, permitindo uma investigação aprofundada e crítica das publicações existentes. É fundamental que as pesquisas apresentem uma metodologia claramente definida, que inclua uma cuidadosa seleção de documentos como base teórica e métodos precisos de análise de dados, os quais serão aplicados ao longo do processo de pesquisa (Cerrão, Jesus; Castro, 2018).

#### **3.2 PROCEDIMENTOS**

A coleta de dados foi realizada por meio da busca em livros e artigos disponíveis em bases de dados reconhecidas, como Scielo, PEPISIC e Google Scholar, considerando publicações dos últimos cinco anos (2019 a 2024). Foram selecionados todos os artigos que continham conteúdos relacionados à temática da neuropsicologia, envelhecimento e reabilitação neuropsicológica.

Os descritores utilizados na busca incluíram as palavras-chave: “neuropsicologia”, “idoso” e “reabilitação neuropsicológica”. Foram selecionados artigos em língua portuguesa e inglesa que se mostraram relevantes para a

compreensão da história da neuropsicologia, do envelhecimento, do declínio cognitivo e das intervenções da reabilitação neuropsicológica.

Ressalta-se que os dados foram analisados a partir de uma leitura cuidadosa, em que os dados foram interpretados à luz do referencial teórico adotado, buscando responder às questões de pesquisa e alcançar os objetivos propostos

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Seguindo os critérios de inclusão definidos, foram selecionados seis artigos relevantes para a análise.

O primeiro estudo selecionado foi sobre os “Impactos da intervenção neuropsicológica em idosos com comprometimento cognitivo leve”, a pesquisa foi realizada por Leite *et al.* (2021) que teve como objetivo investigar os efeitos de uma intervenção neuropsicológica em grupo sobre a cognição, o estado psicológico e a qualidade de vida de idosos com Comprometimento Cognitivo Leve (CCL). O estudo foi realizado de forma controlada, randomizada e cega ao avaliado, envolvendo 78 idosos que foram divididos em dois grupos: um que recebeu uma intervenção neuropsicológica e um grupo controle.

Os participantes foram submetidos a uma série de avaliações utilizando instrumentos como a entrevista semiestruturada, o Exame Cognitivo de Addenbrooke, o Índice de Katz, a Escala de Lawton e Brody, a Escala de Depressão Geriátrica, o Inventário de Ansiedade de Beck, a Escala de Desenvolvimento Pessoal, além das escalas WHOQOL-bref e WHOQOL-old. Os resultados da pesquisa revelaram que o grupo que participou da intervenção neuropsicológica apresentou melhorias significativas em vários aspectos.

Observou-se uma melhora nos subtestes cognitivos e na pontuação total do Exame Cognitivo de Addenbrooke, além de uma redução na frequência de sintomas de ansiedade e depressão. Os participantes também relataram um aumento no bem-estar psicológico e na qualidade de vida, conforme medidas pelas escalas WHOQOL (Leite *et al.*, 2021).

Essas descobertas indicam que a intervenção neuropsicológica foi eficaz na promoção da reabilitação das áreas cognitivas e psicológicas afetadas pelo CCL. Os autores concluíram que existe uma relação positiva entre a intervenção e a melhoria no desempenho cognitivo, psicológico e na qualidade de vida dos idosos com CCL.

A pesquisa ressalta a importância de estratégias de intervenção que podem ser adaptadas e renovadas por familiares e cuidadores, enfatizando a necessidade de cuidados terapêuticos não medicamentosos para essa população. Essa abordagem é fundamental para melhorar a condição geral e a qualidade de vida dos idosos que enfrentam o comprometimento cognitivo de nível (Leite *et al.*, 2021).

O segundo estudo selecionado foi “The impact of an occupational therapy group cognitive rehabilitation program for people with dementia”, no qual foi

investigado por Griffin et al. (2022) o impacto de um programa de reabilitação cognitiva em grupo na função de memória cotidiana e na qualidade de vida de idosos com diagnóstico de demência. A pesquisa envolveu participantes residentes na comunidade e foi estruturada como uma intervenção de terapia ocupacional, com duração de cinco semanas, onde as sessões ocorriam uma vez por semana, cada uma com 1,5 horas de duração.

As medidas de resultado incluíram avaliações da memória cotidiana e da qualidade de vida dos participantes antes e após a intervenção. Os resultados indicaram melhorias significativas na função de memória e na qualidade de vida, indicando que a reabilitação cognitiva em grupo pode ser uma abordagem eficaz para apoiar pessoas com demência. O estudo destaca a importância de intervenções estruturadas e de suporte social na gestão da demência, enfatizando o potencial de programas de reabilitação cognitiva para melhorar o bem-estar dos indivíduos afetados.

Em conclusão, uma pesquisa realizada por Griffin *et al.* (2022) destacou a eficácia de um programa de reabilitação cognitiva em grupo para adultos com diagnóstico de demência, evidenciando melhorias significativas na função de memória cotidiana e na qualidade de vida dos participantes. A intervenção, que consiste em sessões semanais de terapia ocupacional ao longo de cinco semanas, declarou que abordagens estruturadas e coletivas podem oferecer suporte valioso para indivíduos afetados pela demência.

Os resultados sugerem que a reabilitação cognitiva não apenas auxilia na manutenção das habilidades cognitivas, mas também promove um impacto positivo no bem-estar geral dos pacientes. Assim, este estudo reforça a importância de implementar programas de reabilitação cognitiva como parte integrante do cuidado a pessoas com demência, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e a promoção de uma abordagem mais holística no tratamento dessa condição (Griffin *et al.* 2022).

O terceiro estudo selecionado intitulado como “Efeito da Reabilitação Neuropsicológica na Memória em Idosos Saudáveis—Uma revisão sistemática do Brasil e América Latina”, de Kautzmann e Zibetti (2020), teve como objetivo realizar uma revisão sistemática dos artigos publicados em revistas brasileiras e latino-americanas sobre o efeito da reabilitação neuropsicológica (RN) na memória de idosos saudáveis. A pesquisa incluiu artigos publicados entre 2008 e 2018,

utilizando as bases de dados Scielo.org, Lilacs e Pepsic, e buscou em português, inglês e espanhol os termos “reabilitação neuropsicológica”, “reabilitação cognitiva” e “treino cognitivo” em associação ao termo “memória”.

Dos 85 estudos identificados inicialmente, três atenderam a critérios de elegibilidade, que incluíam a presença de participantes idosos sem patologia psicológica e a descrição de disciplinas com efeitos sobre a memória. A análise revelou que a memória episódica e a memória operacional foram os subcomponentes mais treinados, com predominância de disciplinas em grupo e um padrão de estimulação multimodal. As principais estratégias empregadas incluíram treinos mnemônicos e de categorização semântica, além de treinos de atenção e funções executivas que mostraram efeitos secundários positivos sobre a memória (Kautzmann; Zibetti 2020).

Os resultados indicaram que, embora a eficácia dos treinos variados entre os diferentes tipos de memória, foram observados efeitos positivos significativos na memória semântica, na memória operacional e, principalmente, na memória episódica. O estudo conclui que há uma necessidade de mais evidências sobre a eficácia da reabilitação neuropsicológica em idosos, especialmente em relação à generalização de seus efeitos (Kautzmann; Zibetti 2020).

Essas descobertas ressaltam a importância de intervenções direcionadas que possam ser inovadoras para melhorar a memória e a qualidade de vida de idosos saudáveis, contribuindo para o desenvolvimento de práticas eficazes na reabilitação neuropsicológica.

O quarto estudo selecionado foi “A reabilitação neuropsicológica e o diagnóstico doença de alzheimer: uma revisão narrativa da literatura”, dos autores Henriques e Melo (2023), o qual aborda o crescente envelhecimento populacional e a concomitante incidência de doenças associadas a esse processo, com ênfase na doença de Alzheimer (DA), a doença neurodegenerativa mais prevalente. Diante dessa realidade, os autores destacam a necessidade de tratamentos tanto farmacológicos quanto não farmacológicos, com a reabilitação neuropsicológica (RN) emergindo como uma alternativa terapêutica promissora. O objetivo principal da pesquisa foi analisar estudos sobre o RN na DA, focando nas funções cognitivas afetadas pela doença e na complexidade do diagnóstico da demência.

A metodologia utilizada consiste em uma revisão narrativa da literatura, com a análise de artigos obtidos em bases de dados como PepSic, Scielo, PubMed e

BVSALUD, abrangendo publicações entre 2008 e 2018. Os resultados revelaram que apenas dois artigos abordaram o RN, enfatizando sua aplicação em um tratamento combinado, que integra abordagens medicamentosas e holísticas.

A conclusão do estudo sugere que o RN pode contribuir de forma significativa para o tratamento da DA, especialmente quando utilizado em conjunto com disciplinas farmacológicas. Além disso, nossos autores ressaltam a importância do diagnóstico precoce da demência, que pode ser facilitado por biomarcadores e avaliações neuropsicológicas, permitindo técnicas mais eficazes.

Henriques e Melo (2023) concluem que, apesar das limitações na quantidade de estudos disponíveis, a RN representa uma abordagem valiosa no manejo da DA, e recomenda que mais pesquisas sejam realizadas para fortalecer as evidências sobre sua eficácia e promover sua adoção como parte integrante do tratamento da doença.

O quinto estudo de Silva e Nogueira (2022), intitulado como “Efeitos da reabilitação cognitiva na doença de Alzheimer: uma Revisão integrativa de literatura”, investiga os efeitos da reabilitação cognitiva em pacientes com Doença de Alzheimer, uma condição neurodegenerativa que afeta a cognição e a funcionalidade dos idosos.

A pesquisa foi realizada por meio de uma revisão integrativa da literatura, onde foram analisados 76.895 artigos, resultando em seis estudos que atendiam aos critérios de inclusão. Os autores destacam que a reabilitação cognitiva, incluindo intervenções como programas de caminhada e massagem elétrica automática, demonstrou eficácia em melhorar a qualidade de vida e o desempenho cognitivo dos pacientes.

Os resultados revelaram que a reabilitação cognitiva pode estabilizar o quadro dos pacientes com Alzheimer, permitindo que mantenham suas capacidades cognitivas por mais tempo. Além disso, as intervenções não-farmacológicas mostraram-se benéficas não apenas para a cognição, mas também para o bem-estar emocional, reduzindo sintomas como apatia e ansiedade. O estudo conclui que a fisioterapia e a reabilitação cognitiva são fundamentais no manejo da Doença de Alzheimer, sugerindo a necessidade de mais pesquisas para aprimorar essas práticas (Silva; Nogueira, 2022).

A pesquisa enfatiza a importância de abordagens integradas que incluam atividade física e estimulação cognitiva, evidenciando que essas estratégias podem

melhorar significativamente a qualidade de vida dos pacientes e de seus cuidadores. A reabilitação cognitiva é apresentada como uma prática essencial para promover a autonomia e o bem-estar na população idosa acometida pela Doença de Alzheimer (Silva; Nogueira, 2022).

O sexto estudo selecionado foi “Desenvolvimento e análise de intervenção grupal em terapia ocupacional a idosos com transtorno neurocognitivo leve”, de Alves *et al.* (2020). Esta pesquisa teve como objetivo descrever e analisar a eficácia de uma intervenção grupal em terapia ocupacional voltada para idosos com Transtorno Neurocognitivo Leve (TNL).

Realizado em um hospital universitário, o estudo realizou um desenho quase-experimental "antes e depois", envolvendo duas intervenções que ocorreram em 2014 e 2015, com a participação de 11 idosos em 8 encontros. A intervenção utilizou dinâmicas para sensibilizar os participantes sobre tarefas e habilidades cognitivas, além de compartilhar estratégias mnemônicas compensatórias.

Os resultados mostraram mudanças estatisticamente significativas em todos os instrumentos aplicados, reduzindo melhorias no desempenho cognitivo, na capacidade de realizar atividades instrumentais de vida diária e na redução das queixas subjetivas de memória.

Os achados sugerem que a intervenção em terapia ocupacional é um recurso eficaz para promover a independência nas atividades cotidianas e melhorar o desempenho cognitivo de idosos com TNL. Assim, o estudo reforça a importância de intervenções direcionadas que possam auxiliar na manutenção da qualidade de vida dessa população (Alves *et al.*, 2020).

A intervenção em terapia ocupacional é um recurso específico para idosos com TNL, promovendo melhorias significativas no desempenho cognitivo, na redução das queixas de memória e na capacidade de realizar atividades instrumentais de vida diária. A proposta de intervenção pode ser ampliada para atender um número maior de idosos, considerando que eles ainda possuem uma variedade de capacidades cognitivas preservadas e estão motivados a aprender e se adaptar. Assim, a atuação do terapeuta ocupacional é fundamental para promover a saúde e a funcionalidade, contribuindo para a qualidade de vida dos idosos com TNL (Alves *et al.*, 2020).

Esses estudos abordam diferentes aspectos da reabilitação neuropsicológica e suas implicações no tratamento de condições cognitivas. Abaixo, esses artigos

estão organizados em uma tabela para facilitar a visualização e a comparação dos dados encontrados.

**Tabela 1.** Artigos selecionados

<b>Autor/ano</b>	<b>Título</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Resultados</b>
Leite et al., 2021	Impactos da intervenção neuropsicológica em idosos com comprometimento cognitivo leve	Investigar os efeitos da intervenção neuropsicológica em grupo na cognição, no estado psicológico e na qualidade de vida de idosos com Comprometimento Cognitivo Leve.	Estudo controlado, randomizado, cego ao avaliador. 78 idosos, divididos entre os grupos Neuropsicológico e Controle.	Após a intervenção, o Grupo Neuropsicológico apresentou: melhora nos subtestes cognitivos e no escore total; redução na frequência de sintomas associados à ansiedade e à depressão; melhor bem-estar psicológico e qualidade de vida. A pesquisa aponta estratégias de intervenção úteis para melhora da condição geral desses pacientes e para reabilitação de áreas prejudicadas. Conclusão: Concluiu-se existir relação entre a intervenção neuropsicológica e a melhora no desempenho cognitivo, psicológico e qualidade de vida em idosos com Comprometimento Cognitivo Leve
Griffin et al., 2022	The impact of an occupational therapy group cognitive rehabilitation program for people with	Examinar o impacto de um programa de reabilitação cognitiva em grupo para pessoas com	Os participantes incluídos no estudo eram adultos residentes na comunidade com diagnóstico de	Medidas de resultados foram concluídas com 58 participantes. Melhorias estatisticamente significativas em

	dementia	demência na função de memória cotidiana e na qualidade de vida.	demência. A intervenção foi um programa de reabilitação cognitiva em grupo de terapia ocupacional de 5 semanas, realizado uma vez por semana durante 1,5 h. As medidas de resultados incluíram testes de memória padronizados, função subjetiva de memória cotidiana e avaliações de qualidade de vida. As medidas foram concluídas na linha de base, pós-intervenção e 3 meses após a intervenção.	pontuações de memória padronizadas foram observadas após a intervenção. Da mesma forma, a função de memória cotidiana autoavaliada e as pontuações de qualidade de vida melhoraram significativamente após a intervenção. Todas as pontuações padronizadas e classificações subjetivas foram mantidas no acompanhamento de 3 meses. Programas de reabilitação cognitiva em grupo podem impactar positivamente a qualidade de vida e a função da memória cotidiana entre pessoas com demência.
Kautzmann; Zibetti, 2020.	Efeito da Reabilitação Neuropsicológica na Memória em Idosos Saudáveis—Uma revisão sistemática do Brasil e América Latina.	Realizar uma revisão dos artigos publicados em revistas brasileiras e latino-americanas sobre o efeito da reabilitação neuropsicológica (RN) na memória de idosos saudáveis.	Revisão sistemática	A eficácia da reabilitação neuropsicológica (RN) na memória de idosos saudáveis, destacando a importância de intervenções direcionadas para essa população em crescimento e potencialmente vulneráveis. A revisão sistemática incluiu uma variedade de estratégias e

				técnicas utilizadas nos estudos desenvolvidos, com ênfase na psicoeducação e na categorização semântica, que revelou efeitos positivos tanto em conjunto quanto isoladamente. Os treinos de atenção e funções executivas também mostraram impacto benéfico sobre a memória.
Henriques e Melo, 2023	A reabilitação neuropsicológica e o diagnóstico doença de alzheimer: uma revisão narrativa da literatura	Analisar os estudos realizados acerca da reabilitação neuropsicológica na DA, além de algumas funções que são prejudicadas na doença, bem como a complexidade diagnóstica da demência.	Revisão narrativa da literatura	A pesquisa, realizada por meio de uma revisão narrativa da literatura, acordos que a RN pode contribuir positivamente para o tratamento da DA, especialmente quando combinada com intervenções farmacológicas. Os autores destacam a importância do diagnóstico precoce da demência, que pode ser facilitado por biomarcadores e avaliações neuropsicológicas, permitindo intervenções mais práticas. Apesar das limitações na quantidade de estudos disponíveis, os resultados sugerem que o RN é uma ferramenta útil no manejo da DA. O estudo conclui que mais pesquisas são

				possíveis para fortalecer as evidências sobre a eficácia do RN, promovendo sua adoção como parte integrante do tratamento de doenças neurodegenerativas.
Silva e Nogueira, 2022	Efeitos da reabilitação cognitiva na doença de Alzheimer: uma Revisão integrativa da literatura	Descrever os efeitos da reabilitação cognitiva em pacientes com doença de Alzheimer.	Revisão integrativa da literatura	Os resultados evidenciam a eficácia da reabilitação cognitiva, como também as diferentes formas de realizar essa reabilitação em pacientes com Alzheimer dentro de cada tratamento proposto pelos grupos. Após a realização desse trabalho é possível concluir que a reabilitação cognitiva pode trazer melhorias quando se refere a pacientes com a doença de Alzheimer.
Alves et al., 2020	Desenvolvimento e análise de intervenção grupal em terapia ocupacional a idosos com transtorno neurocognitivo leve	Descrever e analisar intervenção grupal em terapia ocupacional a idosos com provável TNL	Estudo prospectivo, quantitativo, quasi-experimental de concepção “antes e depois”. Analisaram-se em conjunto duas intervenções realizadas no Hospital Universitário da Universidade de São Paulo, em 2014 e 2015.	Houve mudança estatisticamente significativa no escore total de todos os instrumentos aplicados. Assim, houve melhora do desempenho cognitivo, melhora da capacidade no desempenho de atividades instrumentais que envolvem mais diretamente

			<p>Cada intervenção abrangeu 8 encontros, com participação de 11 idosos ao todo</p>	<p>habilidades cognitivas e redução das queixas subjetivas de memória dos participantes. Acredita-se que a intervenção é um potente recurso para atuação do terapeuta ocupacional junto a idosos com TNL por favorecer independência nas ocupações cotidianas, diminuição de queixas de memória e melhora no desempenho cognitivo.</p>
--	--	--	---	--

Fonte: próprio autor

Os estudos revisados apresentaram diversas semelhanças que podem ser agrupadas em torno de temas centrais relacionados ao comprometimento cognitivo em idosos e às intervenções terapêuticas propostas.

Primeiramente, todos os estudos abordam o comprometimento cognitivo como um fator significativo na população idosa, aumentando a prevalência do declínio cognitivo e sua relação com o envelhecimento. Silva e Nogueira (2022) em seu estudo destacam os três estágios evolutivos da doença de Alzheimer (DA). Henriques e Melo (2023) compartilham dessa preocupação, tratando da complexidade do diagnóstico da demência, especialmente a DA, e a necessidade de intervenções precoces.

O estudo de Silva e Nogueira (2022) evidencia que a reabilitação cognitiva ajuda a estabilizar as capacidades cognitivas dos pacientes a doença de Alzheimer, além de reduzir sintomas como apatia e ansiedade. Os resultados indicam que disciplinas não farmacológicas, como terapia ocupacional e técnicas de estimulação cognitiva, são fundamentais para o manejo da Doença de Alzheimer, ressaltando a necessidade de mais estudos controlados para validar essas práticas.

Alves *et al.* (2020) também evidenciaram a eficácia das intervenções em terapia ocupacional para idosos com Transtorno Neurocognitivo Leve (TNL), destacando melhorias no desempenho cognitivo e na capacidade funcional. Nesse contexto, o terapeuta ocupacional possui papel fundamental, podendo conduzir intervenções tanto individuais quanto grupais, com o objetivo central de diminuir o impacto do declínio cognitivo sobre as atividades diárias, contribuindo para a manutenção da autonomia e da independência do idoso.

Esses achados de estudos recentes validam que “as ações de reabilitação devem ser centradas nos ganhos funcionais do cliente” (Andrade, 2014, p. 348). Apontando que a reabilitação deve envolver estratégias práticas que atendam às necessidades do cliente e minimizem os problemas do cotidiano.

Além disso, a eficácia das disciplinas não farmacológicas é um tema comum entre os estudos. Leite *et al.* (2021) demonstram que uma intervenção neuropsicológica em grupo resultou em melhorias significativas na cognição e na qualidade de vida dos idosos com CCL. Griffin *et al.* (2022) corroboram essa ideia ao apresentar resultados positivos de um programa de reabilitação cognitiva em grupo para idosos com demência, enfatizando a importância de abordagens estruturadas e de suporte social.

Outro ponto em comum é a ênfase na importância da reabilitação neuropsicológica como uma abordagem promissora no tratamento do comprometimento cognitivo. Kautzmann e Zibetti (2020) realizam uma revisão sistemática que revela efeitos positivos da reabilitação neuropsicológica na memória de idosos saudáveis, indicando que essa prática pode ser benéfica mesmo antes do surgimento de patologias cognitivas. Henriques e Melo (2023) também aprovaram o potencial da reabilitação neuropsicológica no manejo da doença de Alzheimer, enfatizando a necessidade de integrar essa abordagem com tratamentos farmacológicos.

Todos os estudos ressaltam a necessidade de uma abordagem interdisciplinar e integrada para o cuidado dos idosos. Essa perspectiva é reforçada por Leite *et al.*, Griffin *et al.*, Alves *et al.*, Kautzmann e Zibetti, e Henriques e Melo, que concordam que estratégias adaptadas às necessidades individuais dos pacientes são essenciais para atualizar os resultados das intervenções.

A reabilitação neuropsicológica é um campo que se destaca pela sua relevância no tratamento de déficits cognitivos, especialmente em idosos. Os

estudos de Hamdan, Pereira e Riechi (2011) e Monteiro et al. (2013) ressaltam a importância dessa abordagem, que visa não apenas a recuperação de funções cognitivas comprometidas, mas também a melhoria da qualidade de vida do indivíduo. Esses autores enfatizam que a neuroplasticidade, a capacidade do cérebro de se reorganizar funcionalmente, é fundamental para o sucesso das intervenções.

Os resultados encontrados em pesquisas recentes sobre o comprometimento cognitivo em idosos corroboram essa perspectiva. Por exemplo, Leite et al. (2021) descobriu que intervenções neuropsicológicas em grupo podem resultar em melhorias significativas nas funções cognitivas e na qualidade de vida dos participantes. Essa evidência é alinhada com a definição de reabilitação neuropsicológica apresentada por Wilson (2003), que considera um conjunto abrangente de intervenções que abordam não apenas aspectos cognitivos, mas também emocionais e sociais.

Além disso, Andrade (2014) discute a necessidade de estratégias centradas nos ganhos funcionais do cliente, uma abordagem que é refletida nos resultados de Griffin et al. (2022). Este estudo revelou que programas de reabilitação cognitiva em grupo podem ser eficazes para idosos com demência, enfatizando a importância de adaptar as intervenções às necessidades individuais dos pacientes.

A integração entre diferentes disciplinas, conforme sugerido por Andrade (2014), é outra característica comum entre as pesquisas demonstradas. A colaboração entre profissionais como psicólogos, terapeutas ocupacionais e médicos é essencial para garantir uma reabilitação eficaz e abrangente. Essa multidisciplinaridade é refletida em estudos revisados, que enfatizam a importância de uma abordagem holística no tratamento do comprometimento cognitivo.

## **5 CONCLUSÃO**

Ressalta-se a importância da reabilitação neuropsicológica como uma abordagem essencial para enfrentar os desafios do declínio cognitivo associado ao envelhecimento. Os resultados obtidos demonstram que intervenções direcionadas não apenas retardam a progressão do comprometimento cognitivo, como promovem melhorias significativas na qualidade de vida e na autonomia dos idosos. Essa abordagem se revela fundamental em um contexto em que a população idosa está

crescendo rapidamente, trazendo à tona a necessidade urgente de estratégias eficazes para atender a essa demanda crescente.

A reabilitação neuropsicológica, fundamentada em princípios de neuroplasticidade, permite que os pacientes desenvolvam novas habilidades e se adaptem às perdas cognitivas. Ao focar tanto nos déficits cognitivos quanto nas necessidades emocionais e sociais, essa prática oferece um suporte abrangente que considera o indivíduo como um todo. Os resultados da pesquisa evidenciam que, ao integrar diferentes áreas do conhecimento e promover uma colaboração interdisciplinar entre profissionais de saúde, é possível criar um ambiente terapêutico mais eficaz e adaptado às particularidades de cada paciente.

Além disso, a pesquisa destaca a relevância de uma avaliação neuropsicológica abrangente como ponto de partida para o desenvolvimento de programas de reabilitação. Esta avaliação não identifica apenas as áreas específicas que podem ser definidas para intervenção, mas também permite que as estratégias sejam personalizadas para maximizar os resultados. A compreensão das particularidades do envelhecimento e das experiências individuais é fundamental para garantir que as intervenções sejam realmente eficazes e atendam às necessidades dos idosos.

Outro aspecto importante abordado na pesquisa é a necessidade de promover um envelhecimento ativo e saudável. A implementação de políticas públicas que incentivam estilos de vida saudáveis, a participação social e o acesso a serviços de saúde mental é fundamental para garantir que os idosos possam viver com dignidade e qualidade. Essas políticas devem levar em consideração a heterogeneidade do envelhecimento, permitindo que cada indivíduo tenha suas próprias experiências e desafios.

Por fim, a reabilitação neuropsicológica se configura não apenas como uma ferramenta valiosa para tratar o declínio cognitivo, mas ela é uma estratégia preventiva que pode ajudar a estabilizar ou até mesmo compensar o funcionamento cognitivo ao longo do tempo. Investir em intervenções cognitivas que promovam a reserva e estimulem o envolvimento social pode ser uma alternativa eficaz para preservar a saúde mental dos idosos.

A presente pesquisa contribui significativamente para a compreensão das disposições disponíveis na reabilitação neuropsicológica e suas implicações para o cuidado da população idosa. A continuidade dos estudos nessa área é vital para

aprimorar as práticas existentes e desenvolver novas abordagens que atendam às demandas crescentes da sociedade, garantindo que todos os indivíduos tenham acesso ao suporte necessário para enfrentar os desafios do envelhecimento com qualidade de vida e bem-estar.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, M.C.A et al. Desenvolvimento e análise de intervenção grupal em terapia ocupacional a idosos com transtorno neurocognitivo leve. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 1, p. 187-206, 2020.
- ANDRADE, S. Fundamentos da reabilitação neuropsicológica. In: FUENTES, D. et al. **Neuropsicologia: teoria e prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRANDEBUSQUE, J. C. et al. **Reserva cognitiva e os diferentes perfis de ganho cognitivo em idosos: uma scoping review**. *Psico*, Porto Alegre, v. 51, n. 4, p. 1-12, out.-dez. 2020 | e-33842. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/download/33842/26673/174502>. Acesso em: 13 jun. 2024.
- CALDAS, V. V. de A. **Espaço de vida e declínio cognitivo em idosos de diferentes contextos sociais e econômicos: resultados longitudinais do estudo IMIAS**. 2020. 216f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/30986>. Acesso em: 09 jun. 2024.
- CARDOSO, M. R. G; OLIVEIRA, G. S. de; GHELLI, K. G. M. **Análise de Conteúdo: Uma metodologia de pesquisa qualitativa**. *Cadernos da Fucamp*, v.20, n.43, p.98-111, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/download/2347/1443>. Acesso em: 16 jul. 2024
- CERRAO, N. G., JESUS, A. F. de, & CASTRO, F. F. de. **O método de Revisão Sistemática da Literatura (RS) na área da Ciência da Informação no Brasil: análise de dados de pesquisa**. *Informação & Tecnologia*, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2358-3908.2018v5n1.38083>. Acesso em: 11 jun. 2024.
- CLARE L; KUDLICKA A; OYEBODE JR; JONES RW; BAYER A; LEROI I; KOPELMAN M; JAMES IA; CULVERWELL A; POOL J; BRAND A; HENDERSON C; HOARE Z; KNAPP M; WOODS B. Reabilitação cognitiva individual orientada a objetivos para melhorar o funcionamento diário de pessoas com demência em estágio inicial: um ensaio clínico randomizado multicêntrico (o ensaio GREAT). **International Journal of Geriatric Psychiatry** v.34, n.5, p.709-721, 2019.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GRIFFIN, A. et al. The impact of an occupational therapy group cognitive rehabilitation program for people with dementia. **Australian Occupational Therapy Journal**, v. 69, n. 3, p. 331-340, 2022.
- HAMDAN, A. C.; PEREIRA, A. P. A., & RIECHI, T. I. J. S. **Avaliação e reabilitação neuropsicológica: desenvolvimento histórico e perspectivas atuais**. *Interação em*

Psicologia, Curitiba, 2011, 15(n. especial), p. 47-58. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/viewFile/25373/17001>. Acesso em: 21 maio. 2024

HAZIN, I; LEITÃO, S; GARCIA, D; LEMOS, C; GOMES, E **Contribuições da Neuropsicologia de Alexandr Romanovich Luria para o debate contemporâneo sobre relações mente-cérebro**. Mnemosine, [S. l.], v. 6, n. 1, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41517>. Acesso em: 19 maio. 2024.

HENRIQUES, J.J; DE MELO, D.M. A reabilitação neuropsicológica e o diagnóstico doença de alzheimer: uma revisão narrativa da literatura. **CADERNOS DE PSICOLOGIA**, v. 5, n. 9, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2022**: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>. Acesso em: 13 jun. 2024.

KAUTZMANN, A; ZIBETTI, M;R Efeito da Reabilitação Neuropsicológica na Memória em Idosos Saudáveis—Uma revisão sistemática do Brasil e América Latina. **Psicologia Argumento**, v. 38, n. 100, p. 363-387, 2020.

KONFLANZ, F.; COSTA, K.; MENDES, T. **A neuropsicologia do envelhecer**: as “faltas” e “falhas” do cérebro e do processo cognitivo que podem surgir na velhice. Osório, 2016. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1103.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2024.

LEITE, A.O.F et al. Impactos da intervenção neuropsicológica em idosos com comprometimento cognitivo leve. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 26, n. 1, 2021.

LOPES, M.G.P et al. Envelhecimento populacional: Desafios e estratégias na integração da geriatria com a saúde coletiva. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 1, p. 114-123, 2024.

LURIA, A. **Fundamentos de neuropsicologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo / Livros Técnicos e Científicos, 1981.

MADER, M. J. **Avaliação Neuropsicológica: Aspectos Históricos e Situação Atual**. Psicologia: Ciência e Profissão, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931996000300003>. Acesso em: 19 maio. 2024.

MALLOY-DINIZ, Leandro F. et al. (Org). **Neuropsicologia: aplicações clínicas**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica— 8. ed.** – São Paulo: Atlas, 2017.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2017.

MINAYO, M.C. de S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade.** Ciência e saúde coletiva, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Acesso em: 11 jun. 2024.

MOGRABI, D. C.; MOGRABI, G. J. C.; Landeira-Fernandez, J. Aspectos históricos da neuropsicologia e o problema mente-cérebro. In: FUENTES, D. et al. **Neuropsicologia: teoria e prática.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MONTEIRO et al. Reabilitação neuropsicológica. In: MALLOY- DINIZ, L.F.; FUENTES, D.; COSENZA, R.M. **Neuropsicologia do Envelhecimento: uma abordagem multidimensional.** Porto Alegre: Artmed, 2013.

NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida e idade madura.** 2<sup>o</sup>. ed. Campinas: Papyrus, 1999.

Neri, A. L. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. In: MALLOY- DINIZ, L.F.; FUENTES, D.; COSENZA, R.M. **Neuropsicologia do Envelhecimento: uma abordagem multidimensional.** Porto Alegre: Artmed, 2013.

NERI, A. L. **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e socioculturais.** São Paulo: Papyrus, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde.** Organização Pan-Americana da Saúde, 2002. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf). Acesso em: 11 jun. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Rede Interagencial de Informação para a Saúde. Demografia e saúde: contribuição para análise de situação e tendências. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2009.

ORTEGA, L. F. V., CAMARGO, C. H. P., ÁVILA, R. Reabilitação neuropsicológica. In E. C. Miguel, V. Gentil, & W. F. Gattaz (Eds.), **Clínica psiquiátrica: a visão do Departamento e do Instituto de Psiquiatria do HCFMUSP** (pp. 1418-25). São Paulo: Manole, 2011.

PAOLILLO EW, LEE SY, VANDEBUNTE A, SALONER R, GAYNOR LS, DJUKIC N, TSUEI T, COBIGO Y, KRAMER JH, CASALETTO KB. **Data-driven physical actigraphy patterns relate to cognitive and vascular health in older adults.** Exp Gerontol. 2023 Jul;178:112231. doi: 10.1016/j.exger.2023.112231. Epub 2023 Jun 9. PMID: 37286062; PMCID: PMC10335604. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37286062/>. Acesso em: 22 maio. 2024.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, Ruth Duskin (Colab.). **Desenvolvimento Humano.** 12<sup>a</sup> Porto Alegre: AMGH Editora, 2013.

PINHEIRO, M. **Aspectos históricos da neuropsicologia: subsídios para a formação de educadores.** Educar, Curitiba, n. 25, p. 175-196, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.372>. Acesso em: 18 maio. 2024.

PONTES, L. M. M.; HÜBNER, M. M. C. **A reabilitação neuropsicológica sob a ótica da psicologia comportamental.** Rev. Psiq. Clín 35 (1); 6-12, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832008000100002>. Acesso em: 21 maio. 2024.

RAMOS, A.A.; HAMDAN, A.C. **O crescimento da avaliação neuropsicológica no Brasil: uma revisão sistemática.** Psicologia: Ciência e Profissão, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001792013>. Acesso em: 18 maio. 2024.

RESOLUÇÃO Nº 002 de 3 de março de 2004. Reconhece a Neuropsicologia como especialidade em Psicologia para finalidade de concessão e registro do título em Especialista. Brasília, DF: **Conselho Federal de Psicologia.**

RIBEIRO, A. M.; COSENZA, R. M. Envelhecimento normal do sistema nervoso. In: MALLOY- DINIZ, L.F.; FUENTES, D.; COSENZA, R.M. **Neuropsicologia do Envelhecimento: uma abordagem multidimensional.** Porto Alegre: Artmed, 2013

SCHEID, V.N et al. Frequência de declínio cognitivo e fatores de risco associados em idosos do sudoeste do Paraná. **Biosaúde**, v. 23, n. 1, p. 9-17, 2021.

GONZALEZ DA SILVA, T; VANINA O J; DE CASTRO E SILVA, I. M; BORGES SOUSA SAN LUCAS, M. Z. Avaliação dos fatores preditores de comprometimento cognitivo em pacientes atendidos no serviço de geriatria de um hospital universitário no nordeste brasileiro. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, v. 19, n. 54, p. 1–13, 2024.

SILVA, J.H.P; NOGUEIRA, F.H. Efeitos da reabilitação cognitiva na doença de alzheimer: uma revisão integrativa da literatura. **Diálogos em Saúde**, v. 5, n. 1, 2022.

SERRA MC, DONDERO KR, LARKINS D, BURNS A, ADDISON O. **Estilo de vida saudável e cognição: interação entre dieta e atividade física.** Curr Nutr Rep. 2020 junho; 9 (2): 64-74. doi: [10.1007/s13668-020-00306-4](https://doi.org/10.1007/s13668-020-00306-4) .

TOMÁS, M. G. **Influência da reserva cognitiva no funcionamento cognitivo de idosos portugueses.** 2020. 85f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Lisboa, 2020.

VERAS, R. P. **País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: UERJ, 1994.

WILSON, B. A. Reabilitação das deficiências cognitivas. In: R. Nitrini.; P. Caramelli.; L. MANSUR, L. (Org.), **Neuropsicologia: Das bases anatômicas à reabilitação.** São Paulo: HCFMUSP, 2003.